

Cai a expectativa de crescimento

A desaceleração da economia está levando consultorias a reavaliar para baixo as previsões de crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) para este ano. No início da semana, antes mesmo da reunião do Comitê de Política Monetária (Copom), a Rosemberg & Associados revisou de 3,5% para 3% a expectativa de expansão da economia. O Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) poderá seguir o mesmo caminho no boletim de junho.

“Mais 0,25 ou menos 0,25 (na taxa Selic) agora não vai mudar a história do resto do ano”, comentou o sócio da Rosemberg & Associados, Dirceu Bezerra Jr., ontem à tarde, antes do resultado da reunião do Copom. Para a consultoria, a demanda interna teve desempenho “bem abaixo das expectativas” no primeiro trimestre. Apesar do aumento da massa salarial e do volume de crédito, a “renda disponível” diminuiu, computadas as despesas com tarifas públicas, gastos sazonais e crediário.

Na pesquisa semanal do Banco Central (BC) com instituições de mercado, a média das projeções de crescimento da economia encolheu de 3,69%, no início de abril, para 3,50%, taxa divulgada na segunda-feira. Para Bezerra Jr, além da desaceleração, principalmente na indústria, a ten-

dência é de revisão do cenário externo, com redução do crescimento internacional, recuo nos preços de commodities e aumento da aversão ao risco.

O economista do Ipea Estevão Kopschitz informou que o crescimento da indústria no primeiro trimestre do ano saiu abaixo do previsto inicialmente, o que deverá reduzir a estimativa de crescimento industrial do instituto. Ele afirmou que, em consequência da desaceleração, “o mais provável” é que o instituto reduza também sua projeção de PIB para 2005, que está em 3,5%. Mas ressaltou que os dados ainda estão sendo analisados.

No mês passado, a Tendências Consultoria diminuiu sua projeção para o PIB de 4% para 3,5%, em parte pela desaceleração industrial. Os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) mostram que, depois de dois recuos sucessivos, a produção industrial voltou a crescer em março, mas o nível no mês ficou 0,2% abaixo de dezembro, num cenário de estagnação. Em 2004, o setor cresceu 8,3%, mas apenas 3,9% no trimestre do ano passado.

Outras instituições, contudo, ainda mantêm previsões expressivas para o ano. O Instituto de Economia da UFRJ continuou com a previsão de crescimento de 4% para este ano, no boletim conjuntural divulgado

Sebastião Pedra/Especial para o CB/8.4.05



CRIAÇÃO DE EMPREGOS NA CONSTRUÇÃO CIVIL NO PRIMEIRO TRIMESTRE DECEPCIONOU REPRESENTANTES DO SETOR

ontem. Na avaliação do instituto, o consumo e o setor externo vão continuar contribuindo para o crescimento de 2005. Os

economistas do IE/UFRJ acreditam que a expansão do crédito e da massa salarial, na comparação com o ano passado, estão

impulsionando a economia.

A LCA Consultores vem, desde novembro, com uma estimativa de crescimento do PIB em

4,1%, conta o economista Bráulio Borges. Ele reconhece a desaceleração no trimestre, mas avalia que há como chegar a um crescimento no patamar de 4% para 2005. Borges admite, contudo, que um ajuste fino poderá ser feito na previsão nas próximas semanas, em função do investimento mais fraco, mas que afastaria a projeção para o PIB dos 4%.

Construção civil

Os 20,9 mil empregos formais abertos na construção civil brasileira no primeiro trimestre de 2005 ficaram abaixo dos 25,5 mil postos de trabalho criados entre janeiro e março de 2004. A abertura de vagas também foi insuficiente para repor os 49,5 mil postos de trabalho fechados em novembro e dezembro de 2004 no setor, segundo levantamento nacional do Sindicato da Indústria da Construção Civil do Estado de São Paulo (SindusCon-SP) e da GVconsult, com base em pesquisa do Ministério do Trabalho.

Segundo o presidente do SindusCon-SP, João Claudio Robusti, os dados são preocupantes. “Significa que, em média, a construção civil abriu, em cada um dos três primeiros meses deste ano, apenas um emprego em cada um dos municípios brasileiros, o que é trágico para um setor que deveria ser fortemente empregador de mão-de-obra”, diz.